

O FUSCA DO ZE

de José Rubens Siqueira

para Walter Breda

Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura
che la diritta via era smarrita.
Ah quanto a dir qual era e cosa dura
esta selva selvaggia e aspra e forte
che nel pensier rinova la paura!

Dante Alighieri

Divina Comédia - Inferno

PERSONAGENS

- ZE quarenta e poucos anos, algo bovino: força domada como um boi de carro, passivo brilho ofuscado.
- BEATRIZ sua mulher, mesma idade, algo bovina: carnes moles escondendo uma possível beleza, fanada.
- ROSSANA dona Rosa para os íntimos, a majestade leiteira da mama (de Beatriz) com a ferocidade ruminante da sogra (de Zé).
- JUNIOR quinze anos, sensualidade adolescente estourando em espinhas pelo rosto e na preguiça lasciva de touro novo, com o freio de um aparelho nos dentes.
- PIPO doze anos, bezerrão ainda redondo de gula.

Um Fusca no centro do palco inteiramente vazio.

Entra Júnior com as chaves na mão, abre a porta do carro, senta-se, dá a partida, acelera, para aquecer o motor. Liga o rádio no máximo do volume. Marca o ritmo do rockão com o pé no acelerador.

Entra Pipo correndo.

PIPO- E minha vez! E minha vez! O pai falou que é uma vez de cada um.

JUNIOR- Não encha o saco. Eu já tô aqui. Vai querer que eu desligue só pra você ligar de novo?

PIPO- Não quero nem saber. Pode ir saindo.

JUNIOR- Você não sabe nem mudar as marchas.

PIPO- Sei, sim. E pra esquentar o carro não tem de mudar marcha nenhuma.

JUNIOR- Você é pirralho!

PIPO- (gritando para fora) Pai, o Júnior não quer deixar eu esquentar o carro.

Ze entra com duas malas grandes e pesadas.

ZE- (indiferente à briga) Júnior, vai ajudar tua mãe.

JUNIOR- Manda o Pipo.

ZE- (abrindo o capô) E abaixa esse rádio. Vai.

JUNIOR- (desligando carro e rádio) Tudo eu, tudo eu!...

Júnior dá um empurrão em Pipo e sai, arrastando os pés.

Pipo entra no carro e torna a ligar o motor, acelerando fundo.

Ze acomoda as malas no porta-malas.

ZE- Não faz assim, não, Pipo. Puxa o afogador e vai lá ajudar tua mãe.

PIPO- Ah, pai, o Júnior já foi.

ZE- (calmo) Vai duma vez.

Ele tira o menino do carro pelo braço. Pipo corre para fora do palco. Zé puxa o afogador e sai de cena, cruzando com Júnior que entra com duas caixas de papelão grandes, cheias de mantimentos. O rapaz arranja as caixas dentro do porta-malas. Zé retorna com mais malas.

ZE- Ai não, Júnior. Caixa é lá dentro, atrás do banco.

JUNIOR- Ah, é. Desculpe.

Zé e Júnior retiram as caixas.

ZE- Desculpe o que, Júnior? Presta atenção pra não ter de ficar pedindo desculpa toda hora.

JUNIOR- Tá bom, tá bom. (baixo) Sssaco!

Júnior se ajoelha no banco de trás e acomoda uma caixa atrás do banco. Zé arranja as malas no porta-malas.

Entra Pipo com uma sacola cheia de verduras e frutas.

ZE- Que que é isso?

PIPO- A mãe mandou.

ZE- Ah, não!

Zé pega a sacola e vai saindo de cena.

ZE- (para fora) O, Bia, pra que que você tá levando essas coisas?

Pipo dá uma sardinha na bunda de Júnior e sai correndo.

JUNIOR- Bostinha! (grita) Você vai ver comigo, pirralho!

Júnior coloca a segunda caixa dentro do carro.

Beatriz entra com a sacola de frutas e verduras.

Zé atrás com mais duas malas.

BIA- Vai, sim, Zé. Eu não vou jogar fora toda essa comida. Tá tudo muito caro.

ZE- Dá pros vizinhos, dá pros pobres, sei lá. Não tem lugar no carro, Bia.

BIA- (colocando a sacola diante do banco da frente) Fica aqui, embaixo da minha perna, pronto.

Beatriz sai. Zé arruma as malas no porta-malas.

Júnior acabou de ajeitar a caixa e fica parado, espremendo um cravo do pescoço.

ZE- O que que tá parado aí, Júnior? Vai lá dentro pegar o resto.

JUNIOR- Tem mais coisa ainda?

Júnior sai.

As malas não cabem no porta-malas, Zé retira todas e começa a arrumar em outra ordem.

Pipo e Júnior retornam, trazendo algumas sacolas plásticas cada um.

Zé sacode a cabeça, irritado, mas nada diz e continua ajeitando as malas.

ZE- Baixa o afogador lá pra mim.

Júnior e Pipo correm para o interior do carro, se empurrando pra ver quem chega primeiro.

Júnior empurra Pipo que cai sentado no chão. Baixa o afogador.

PIPO- (levantando depressa) Marmita! (sai correndo)

JUNIOR- Pudim! (sai atrás dele)

Zé continua ajeitando as malas, indiferente.

Entra Dona Rosa, com uma pilha de cobertores e cinco travesseiros debaixo do braço.

Zé não a vê. Termina a arrumação das malas e sai de cena.

Dona Rosa se curva para o interior do carro e aplicadamente vai estendendo abertos os cobertores no banco de trás, um em cima do outro, para se sentarem em cima deles, economizando espaço.

Ajeita também os travesseiros, em cima das caixas de mantimentos na parte de trás do banco, cobrindo inteiramente o para-brisas traseiro. Com alguma dificuldade entra no carro e acomoda-se no canto do banco atrás do motorista.

Pipo entra correndo, rindo e se enfia no carro, senta ao lado da avó e se agarra nela. Júnior entra correndo, perseguindo Pipo. Sem entrar no carro dá um tapa no irmão.

D.ROSA- (empurrando a mão de Júnior) Eh! Deixa o menino. Vai lá chamar tua mãe. Não sei porque que a gente demora tanto pra sair cada vez que vai viajar.

Júnior entra e senta-se ao lado de Pipo.

JUNIOR- Eles já vêm vindo.

D.ROSA- (gritando para fora de cena) Anda logo, Nena! Vamos!

Zé entra com mais uma sacola, sacudindo a cabeça, contrariado.

Consegue enfiá-la num cantinho do porta-malas.

D.ROSA- A bolsa! Minha bolsa, eu esqueci! Em cima da televisão. Júnior vai lá dentro e me pega ela pra mim.

JUNIOR- (saindo do carro) Tudo eu!...

ZE- (baixo para si mesmo, arremedando) Me pega ela pra mim (ri)

D.ROSA- Que foi que você disse aí, Zé?

ZE- Eu? Nada, não, dona Rosa, nada, não.

Bate o capô com força. A tampa não fecha.

Zé tenta de novo. De novo e de novo. Cada vez com maior violência, sacudindo o carro e dona Rosa dentro dele.

Júnior retorna e dá a enorme bolsa para a avó. Entra e se senta. Zé aperta as malas e tenta fechar o capô novamente.

D.ROSA- Brigada, filho. (abre a bolsa, checando o conteúdo)

ZE- Não adianta. Vai ter de amarrar, Júnior?...

JUNIOR- (revirando os olhos, de saco cheio) O queeeeeee?...

ZE- Me pega um pedaço daquele arame lá do quartinho.

Júnior respira fundo e sai pesadamente.

JUNIOR- Tudo eu...

ZE- E fala pra tua mãe andar logo. (examina o fêcho do capô)

D.ROSA- (tirando um pente da bolsa) Vamos pentear esse cabelo, Pipino?

PIPO- Ah, vó! Não quero!

D.ROSA- (dá um tranco no menino) Que não quer o que! Tá parecendo ninho de rato.

PIPO- Deixa que eu pëntio.

ZE- (quase irritado) Penteio, Fipo, penteio. Fen-te-io.

BIA- (entrando com sacolas) Não fala essas coisas pro menino, Zé!

JUNIOR- (entrando junto) Ele é um pentelho mesmo, mãe.

BIA- E você dobra essa língua! (ajeita as sacolas dentro do carro)

JUNIOR- O o arame, pai.

ZE- Empurra pra baixo que eu amarro.

Os dois trabalham na tampa do capô. Bia vem olhar.

BIA- Não é perigoso soltar na estrada, Zé? Se a tampa levanta você não vai enxergar nada.

ZE- Não tem perigo, Bia.

BIA- Era melhor consertar a fechadura logo duma vez.

ZE- A fechadura tá boa. A bagagem é que é demais, isso sim.

BIA- Ah... (e sai de cena)

D.ROSA- (gritando para fora) Nena, não esquece a cestinha do lanche.

PIPO- As raquete, mãe. Traz o frescobol.

D.ROSA- Vai lá você buscar, vai.

Pipo sai correndo.

ZE- (balançando o carro) Fronto. Tá firme.

Júnior dá mais uma torcida no arame.

ZE- Não mexe, filho, se torcer demais arrebenta.

Bia retorna com uma cestinha.

BIA- Leva aí atrás com a senhora.

D.ROSA- Aqui não cabe mais nada, Nena.

BIA- Aqui na frente também não dá. Ajeita aí. Entra, Júnior.

JUNIOR- Eu não. O Pipo tem que entrar primeiro que eu não quero ir no meio.

BIA- Pipo! Anda logo.

PIPO- (gritando de fora) Não acho a bolinha.

ZE- (para fora) A gente compra outra. Vem logo, filho.

D.ROSA- Esbanjar dinheiro em bolinha? Deixa o menino procurar. Já estamos saindo tarde mesmo. Não gosto de viajar tarde, viu!

ZE- (para Bia) Tudo em cima?

BIA- Acho que tá.

PIPO- (entrando correndo com as raquetes e a bolinha) Achei!

JUNIOR- (empurrando o irmão) Entra numa vez!

Pipo entra no carro, Júnior entra atrás. Bia baixa o encosto do banco e se senta.

Zé sai de cena.

D.ROSA- Trancou a janelinha do banheiro?

BIA- Tranquei.

D.ROSA- Fechou o gás?

BIA- Fechei.

Zé retorna com as chaves na mão, bate a porta de Bia. Entra no carro e bate a porta.

BIA- Trancou?

ZE- Uhm-hum.

BIA- Deu duas voltas?

ZE- Dei. (arranja os espelhos retrovisores) Senhores passageiros, apertem os cintos que a decolagem... Quem que botou isso aí atrás?

D.ROSA- Fui eu, eu que botei, por que? não pode?

ZE- (respira fundo) Me tira a visão, dona Rosa.

BIA- Calma, Zé.

D.ROSA- E naonde que eu vou enfiar os travesseiros?

Júnior cochicha no ouvido de Pipo, os dois riem.

ZE- Vê se vocês ajeitam aí. Assim não dá pra ir.

Os meninos se ajoelham no banco e enfiam os travesseiros de qualquer jeito nos intervalos das caixas de mantimentos.

D.ROSA- Parece que tudo que eu faço tá errado.

BIA- Não tem importância, mama, os meninos dão um jeito.

JUNIOR- Tá bom assim?

ZE- Jóia. (engata a marcha, solta o freio de mão)

PIPO- Fala de novo, pai, fala!

BIA- O que, Pipo? Não amola!

PIPO- Fala que nem avião.

ZE- (sorri, imita aeromoça) Senhores passageiros com destino a Cananéia, com escala em Santos, São Vicente, Itanhaém, Peruibe e Iguape queiram colocar os assentos de suas poltronas em posição vertical, apertar cintos e observar os avisos de não fumar.

Todos riem, restabelecendo o bom humor e a excitação da viagem. Até dona Rosa sorri e se acomoda, gostosa.

ZE- Nosso tempo de voo está previsto em aproximadamente quatro horas e o tempo é bom. A Fusca Viação Aérea e Terrestre deseja a todos uma boa viagem.

Zé e os meninos imitam o ruído dos motores de avião acelerando. Bia adere. Todos se agarram nos bancos, se inclinam pra frente. O ruído do motor muda, o carro está em marcha. Todos se inclinam para trás devagarinho, imitando a inclinação do avião que decola. Dona Rosa sacode a cabeça, reprovando divertida e ri. Faz o sinal da cruz.

D.ROSA- Que São Cristóvão nos proteja e guie.

BIA- Amém.

Rodam um tempo em silêncio.

JUNIOR- Liga o rádio.

BIA- (alarmada) O ferro! Deixei o ferro ligado!

ZE- Tem certeza?

D.ROSA- Eu falei, não falei?

BIA- Não sei.

D.ROSA- Melhor voltar.

ZE- Bobagem, Bia. Quando a gente não lembra é porque desligou.

BIA- Eu não lembro se eu desliguei ou não.

ZE- É automático. Por isso que você não lembra.

BIA- E. Acho que eu desliguei.

D.ROSA- Bonito vai ser se a gente volta e a casa de vocês pegou fogo.

BIA- Eu desliguei.

ZE- Desligou, sim.

BIA- Acho que sim.

D.ROSA- Eu acho melhor... Bom, eu não vou dizer nada.

ZE- Melhor mesmo.

Rodam um tempo em silêncio.

Bia cruza os braços, aperta a testa com a mão, cobrindo o rosto, concentrada.

ZE- Que que foi?

BIA- Tô tentando lembrar tudo que eu fiz antes de sair.

D.ROSA- Não sei pra que ligar o ferro na hora de sair.

BIA- A bermuda do Zé tava toda amassada, mama.

D.ROSA- E o que que tem? Ninguém vai ver mesmo.

Rodam um tempo em silêncio.

BIA- Desliguei. Pronto. Não vou pensar mais nisso.

JUNIOR- Então liga o rádio.

D.ROSA- Agora eu que não estou sossegada. Melhor voltar.

ZE- Ah, não.

BIA- Volta, vá, bem. Não custa nada.

D.ROSA- Já atrasou mesmo. Me pediram pra acordar as seis, eu acordei.
Fiz café, deixei tudo pronto, fui na missa, voltei e a gente
só estamos saindo agora, que horas são? nove e quinze. Agora
meia hora a mais, meia hora a menos...

Contrafeito, Zé manobra o carro e voltam em silêncio.

Um tempo, todos olhando para fora das janelas.

Zé desengata a marcha, puxa o freio de mão. Bia abre a porta do carro.

ZE- Deixa que eu vou. (sai do carro e da cena)

Breve tempo.

BIA- Pipo fez xixi?

PIPO- Fiz.

BIA- Não vai ficar pedindo pra parar que você sabe que o seu pai
não gosta.

PIPO- Eu fiz. Já falei.

Tempo.

Zé retorna, abre a porta do carro.

PIPO- Acho que eu quero de novo.

JUNIOR- Então vai de uma vez.

Pipo desce pela porta que o pai abriu, passando por cima da avó.

D.ROSA- Ai, ai, meu joanete, Pipo!

ZE- Que que foi agora?

BIA- O Pipo quer fazer xixi.

Zé vai saindo com Pipo.

D.ROSA- (baixo, tocando o ombro de Bia) Pergunta do ferro.

BIA- (para Zé) E o ferro?

ZE- Que que tem?

BIA- Tava ligado?

ZE- Claro que não, né, Bia.

D.ROSA- Graças a Deus.

Zé e Pipo saem.

BIA- Não quer ir também, Júnior?

JUNIOR- Não.

D.ROSA- Mas é nervoso esse teu marido, hein, Nena?

BIA- O Zé nervoso, mama? Ele até que é tão cordato.

D.ROSA- E que ele não demonstra. Mas parece que tá pra explodir. Ele tá com alguma coisa na cabeça.

JUNIOR- Qual é, vó?

D.ROSA- Qual é o que?

JUNIOR- O pai tá calmo.

D.ROSA- Não tá, não. Olha a veia do pescoço dele quando ele chegar. Tá que parece uma corda assim pra fora. Eu percebo. Vocês que não presta atenção, mas que ele tá com alguma coisa, tá.

JUNIOR- Ih!...

D.ROSA- E o que que esse menino tem que ficar defendendo o pai?

Ninguém não falou com você, viu?

JUNIOR- (baixinho) Sssaco!

BIA- Respeite a tua vó, Júnior.

D.ROSA- E isso mesmo.

BIA- E a senhora também, mama, faça o favor, viu? O Zé é muito legal com a senhora. Não é qualquer genro que convida a sogra pra viajar junto nas férias.

D.ROSA- Quê convida?! Quê convida?! Faz mais de dois mês que eu estou dando indireta que quero ir junto. (breve tempo) E não vamos esquecer que a casa da praia é minha, não?

BIA- Com o Júlio e a Celina a senhora nunca vai.

D.ROSA- Com o Giulio e a Tchelina é diferente. Eles tem quatro filho e ainda leva a empregada. Eu, montuada não fico. Inda mais em casa minha.

BIA- Dos filhos, né, mama. Foi com a herança do papai que a senhora comprou a casa da praia.

D.ROSA- Herança do pápi, mas economia minha.

BIA- Olha, se a senhora falar nisso de novo é capaz do Zé nem querer ir mais, viu?

D.ROSA- Eu sei, eu sei. Não vou falar nada.

Zé e Pipo retornam, brincando um com o outro.

Pipo entra no carro.

ZE- Olha o joanete da nona, Pipo.

Pipo entra com cuidado. Zé entra em seguida.

D.ROSA- Isso.

BIA- Você lembrou de...

ZE- (batendo a porta) Tranquei a porta com duas voltas, fechei a janelinha do banheiro...

BIA- Tava aberta?!

D.ROSA- Eu sabia!

ZE- ... verifiquei o gás, a porta dos fundos e todas as janelas. Podemos ir agora?

Dá partida no carro e rodam.

D.ROSA- (para Pipo) E o senhor? Deu descarga no banheiro?

PIPO- Dei.

JUNIOR- Milagre!

D.ROSA- Senão fica aquele cheiro de amoníaco.

JUNIOR- Ele nunca dá descarga. Ontem mesmo deixou os jacarés tudo boiando na privada.

D.ROSA- Casa que tem muito homem sempre tem cheiro de mijo.

BIA- (ri, escandalizada) Mama!

Zé ri.

PIPO- Eu não deixei jacaré, nada, viu?

JUNIOR- Deixou.

PIPO- E você? Que fica trancado lá dentro duas horas, ó (faz gesto de masturbação).

Júnior dá um tapa na cabeça de Pipo.

BIA- (baixinho pra Zé) Você falou com ele, bem?

JUNIOR- (ouvindo) Falar o que?

BIA- Nada.

ZE- Dasquelas revistas de mulher pelada que a tua mãe achou no teu quarto.

D.ROSA- Ha, a Nena achar alguma coisa? Ela é muito tonta com os filhos. Eu que achei.

JUNIOR- E o que que a senhora tinha que xeretar nas minhas coisas?

BIA- Respeite sua avó, Júnior.

D.ROSA- Aquele quarto vive uma bagunça! Não sei como é que a tua mãe aguenta. Ah, se fôsse comigo!...

JUNIOR- (dá um tapa em Pipo) Você que contou, né, fedelho?

PIPO- Eu não!

D.ROSA- Não bate no pequeno! Eu não fui "xeretar" coisa nenhuma, fui ajudar tua mãe, isso sim, arrumar aquelas gaveta que tava tudo misturado: meia com cueca, camiseta com os cadernos, Deus me livre, tamanho homem sem responsabilidade.

ZE- Da próxima vez vê se esconde melhor, filho.

Os tres homens riem.

BIA- (censurando) Zé!

D.ROSA- Deus que me perdoe! Se o falecido pegava um filho caquelas indecência...

ZE- Que indecência, dona Rosa? Umas mulher linda!

D.ROSA- Deus me livre e guarde!

ZE- Não era, Bia?

Bia ri, dá um tapa bem humorado no ombro de Zé.

BIA- Não provoca, bem.

D.ROSA- (para Bia) Você olhou aquela pornografia?

BIA- Ah, mama. Não era tanto assim, vá! Play Boy, todo mundo compra. Tem coisa interessante: entrevista, história...

D.ROSA- Indecência!

JUNIOR- Tem revista muito pior.

D.ROSA- Muito pior como?

JUNIOR- Sexo explícito, vô. Mostrando tudão mesmo.

Zé ri alto.

BIA- Júnior!

D.ROSA- (beliscando Júnior por cima de Pipo) Mais respeito ca tua vô, moleque!

PIPO- (imprensado no meio) Ai, ai! Eu não tenho nada a ver com isso!

D.ROSA- (beijando Pipo) Desculpa a nona, Pipino. Foi sem querer, viu?

JUNIOR- Não tem nada a ver, mas bem que gosta de olhar.

BIA- Você mostrou aquelas revistas pra ele, Júnior?!

JUNIOR- Que que tem, mãe? Tá cheio de mulher pelada na televisão. Ih, que sssaco!

Tempo.

D.ROSA- (tocando o ombro de Zé) Você não fala nada, não?

ZE- Não.

D.ROSA- Pois devia.

BIA- Mama... façoaavor!...

ZE- Eu também gostava de olhar quando era menino, dona Rosa. E no meu tempo nem tinha essas revistas bonitas, coloridas. Era catecismo mesmo.

D.ROSA- Catecismo? O que?! Vai me dizer que até na Igreja...?

ZE- Não. Era assim que chamava aquelas revistinhas pequenininhas, desenhada a mão, preto e branco.

D.ROSA- Deus que me perdoe!

ZE- Não tem nada de mais, dona Rosa. É normal. É assim que aprende.

D.ROSA- A ficar sem-vergonha?

ZE- E desde quando homem gostar de mulher é sem-vergonhice?

JUNIOR- E isso aí.

BIA- Vamos parar com essa conversa.

D.ROSA- E. É melhor mesmo. (suspira) E-hê!... Que que eu podia esperar dum genro cabeludo?

JUNIOR- Cabeludo? Você era cabeludo pai?

PIPO- (enojado) Ehca!

D.ROSA- Tinha um cabelão até aqui assim (indica abaixo do ombro). E barba. Hippie. Nem banho não tomava.

BIA- O, mama, que injustiça! O Zé sempre foi cheirosinho.

D.ROSA- Mas tinha aparência de sujo.

BIA- Era bonito o cabelo do seu pai. Vai me dizer que você nunca viu nas fotos, Júnior?

JUNIOR- Só as do casamento. E o pai tá de cabelo curto, não tá?

PIPO- Penteado pra trás.

D.ROSA- (debochando) Que curto nada! É que seu pai casou de rabo-de-cavalo! (ri)

PIPO- (rindo, escandalizado) Rabo-de-cavalo?! Que nem mulher?

JUNIOR- Você gostava, mãe?

BIA- Eu? (dá de ombros) E.

ZE- (baixo) Gostaaava.

PIPO- Gostava?!!

BIA- Naquele tempo usava, Fipo.

PIPO- O, lôco! Homem com cabelo de mulher?!

D.ROSA- E umas camisolinha tudo bordadinha assim no degote...

ZE- Túnica, dona Rosa.

BIA- Túnica indiana.

PIPO- O pai usava roupa de mulher?!

BIA- Todo mundo usava.

ZE- E não caía o pinto de ninguém.

D.ROSA- Ih, larga de ser "liberado", vai, que eu não gosto que fala
essas coisa na minha frente.

BIA- Ainda bem que passou essa moda. Credo, que horror que era.

JUNIOR- Calça boca de sino, né, pai?

BIA- E.

D.ROSA- "Santropê", com a cintura aqui embaixo assim, parecia o
Cantinflas...

PIPO- Quem que é Cantinflas?

D.ROSA- ...cada vez que abaixava pra frente ficava tudo ca metade da
bunda de fora.

PIPO- (escandalizado) Não usava cueca?!

D.ROSA- Usava. Umas tanguinha assim pequenininha, mais pequena que
calcinha de mulher, como é que chamava mesmo, Nena?

BIA- Zazá. Cueca zazá.

D.ROSA- Igual biquini de mulher.

PIPO- Fio dental? Homem de fio dental?!

JUNIOR- Que ridículo!

BIA- (rindo) Mas a senhora até que chegou a achar bonito, vá, mama.

D.ROSA- Deus que me livre e guarde que eu nunca vi homem nenhum
caquela calcinha!

BIA- Não. Não a cueca. Cabelo comprido, roupa colorida. Lembra? a primeira vez que eu levei o Zé lá em casa, a mama olhou pro seu pai assim e perguntou se o cabelo dele era natural.

JUNIOR- Por que?

BIA- (rindo) Ela achou que o Zé fazia permanente.

Todos riem, menos Zé que dirige sério e calado.

JUNIOR- E todo mundo usava essas coisas?

BIA- Não. Tinha os hippie que usava essas roupa diferente, gostava do Beatles, de rock e os políticos que não ligavam pra roupa, tudo com umas calcinha cinzenta, camisa branca amassada, sapato acalcanhado, que só gostava de MPB e fazia passeata.

JUNIOR- Mas você também não ia nas passeatas, pai? Você falou que ia.

BIA- (rindo) Teu pai? Imagina! Ele morria de medo.

ZE- (baixo) Você morria de medo.

BIA- Foi numa ou duas no começo. Ele gostava dos Beatles e queria ir nas passeatas também. Seu pai nunca sabia o que queria.

D.ROSA- (baixo, provocante) Aliás...

Zé respira fundo, gira a cabeça num protesto mudo e dirige, calado.

BIA- No começo todo mundo ia nas passeatas.

D.ROSA- Eu sempre fui contra.

BIA- Até eu fui.

D.ROSA- Contra a minha vontade.

JUNIOR- A senhora não gostava?

D.ROSA- Tudo comunista.

ZE- (revirando os olhos, de saco cheio) Aih....

BIA- No começo era lindo, parecia festa! Todo mundo de braço dado na rua, chuva de papel picado do alto dos prédios. Na primeira passeata, lembra, bem? a gente veio vindo pelo viaduto do Chá tudo cantando. (canta) "Liberdade, Liberdade, abre as asas sobre nós, das lutas, na tempestade, dá que ouçamos sua voz.

Júnior e Pipo cantam junto, animados.

BIA, JÚNIOR e PIPO- Já podeis, da Pátria filhos,
Ver contente a Mãe gentil
Já raizou a Liberdade
No horizonte do Brasil

Bia se cala, Júnior e Pipo continuam, afinados, "con gosto", divertidos.

OS DOIS-Já raizou a liberdade
Já raizou a liberdade
No horizonte do Brasil

Júnior se cala.

PIPO- (canta) Brava gente brasileira
Longe vá temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Júnior torna a cantar junto.

PIPO e JÚNIOR- Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

Rodam um tempo em silêncio, a canção flutuando no ar.

ZE- (sempre sério, canta, todos ouvem, atentos e surpresos)

Japonês tem quatro filhos

Que nasceram no Brasil.

O primeiro é tintureiro

O segundo é vagabundo

O terceiro é marceneiro

E o quarto, coitadinho,

Foi pra puta que o pariu!

Grandes risos.

D.ROSA- Deus que me perdoe! Ensinar essas coisa pros filhos! E eu comunguei hoje cedo, viu, seu Zé. Fica falando besteira me tira o estado de graça.

PIPO- Canta aquela, vó.

D.ROSA- Que aquela, menino?

PIPO- Aquela da pitcha.

D.ROSA- Sh!, fica quieto!

BIA- Que pitcha? Que que é isso?

PIPO- A música do xixi/cocô. A vó que sabe.

ZE- Ai, hein, dona Rosa.

D.ROSA- Não é nada indecente, não senhor. Coisa de criança.

BIA- Que música que é essa, mama? Eu conheço?

D.ROSA- Ah, deve de conhecer de quando era pequena.

PIPO- Canta, vó, canta.

D.ROSA- Eu não, não enche, menino.

BIA- Canta, mama.

ZE- Canta, canta, canta...

Todos se juntam ao côro.

TODOS- Canta, canta, canta...

D.ROSA- (cantando com gosto, com a melodia da canção russa:

.....)

Soffia il vento

Infuria la bufera

Scarpe rotte e pur bisogna andar

E laggiù nel mezzo della steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

E laggiù nel mezzo della steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

Oh! Natascia

Hai fatto tu la piscia?

Si, Dimitri, ne hó fatti cinque litri...

E laggiù nel mezzo della steppa (Júnior e Fipo cantam junto)

Ove sorge il sol dell'avenir

E laggiù nel mezzo della steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

(dona Rosa sozinha)

Oh, Irina

Hai fatto tu la cacca?

Si, Vassili, ne ho fatto sei barrili

(Júnior, Fipo e Beatriz cantam junto)

E laggiù nel mezzo della steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

E laggiù nel mezzo della steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

Oh, Katiuscia

Hai fatto la scorreggia? (Pipo faz ruído de peido com a boca)

Si, Serghei, ne ho fatto trentasei

(cantam todos, menos Zé)

E laggiú nel mezzo della steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

E laggiú nel mezzo dela steppa

Ove sorge il sol dell'avenir

ZE- (rindo) Muito bem, dona Rossana, muito bem.

D.ROSA- Não precisa me caçoar também.

ZE- Não tô caçoando, não. Eu gosto de ver a senhora alegre assim.

D.ROSA- Sei. Conheço bem as tuas ironia.

Zé sorri, suspira e sacode a cabeça.

Rodam um tempo em silêncio.

Pipo se agita no banco, levanta e torna a sentar.

JUNIOR- Pára quieto, Pipo.

D.ROSA- Parece que tem bicho carpinteiro.

JUNIOR- Não vai querer fazer xixi de novo, né?

BIA- Ai, não lembra ele, Júnior.

JUNIOR- Fica pulando feito cabrito.

PIPO- E os cobertor que tá me pinicando a perna.

ZE- Cobertor? (dá uma olhada para trás) Eu não acredito!

D.ROSA- Olha pra frente, Zé! Pelamor de Deus, como é que você me vira assim pra trás co carro no meio da estrada?

BIA- Deixa, bem.

ZE- Cobertor na praia, Bia?

D.ROSA- E. Se chove e esfria que nem ano passado, vocês vão é me agradecer, isso sim.

BIA- (baixo) Calma, Zé.

JUNIOR- Ano passado não choveu, vó.

PIPO- Foi no outro ano.

D.ROSA- Não interessa. Só sei que se eu não tinha trazido as manta daquela vez, ia tudo ficar doente ca umidade.

PIPO- Tá pinicando.

JUNIOR- Não faz frescura também, vai, pirralho.

D.ROSA- Tô. Pega um travesseiro aqui. (vira-se e tenta pegar um travesseiro de trás) Ajuda, Júnior. Não tá vendo que eu não consigo virar. Também, não sei por que vim de calçãozinho assim. Eu não falei pra botar calça comprida?

JUNIOR- (pegando dois travesseiros) Tá calor, né, vó.

D.ROSA- Calça curta, perna de fora é na praia. Uns baita homem desses, tudo de calça curta, sem camisa na rua. Coisa mais feia!

ZE- Senta, Júnior, que eu não tô enxergando atrás.

JUNIOR- (colocando o travesseiro para Pipo, que se levanta de novo) Ih, vó, que coisa antiga.

ZE- Senta, Pipo.

JUNIOR- Se duvidar a senhora ia querer que a gente viesse de terno e gravata.

D.ROSA- Muito mais bonito. Isso é que roupa de homem.

BIA- Ai, ai, Júnior! Para de enfiar esse joelho nas minhas costas. Quer que eu empurre o banco pra frente, pede.

JUNIOR- Espera, manê! Tô botando um travesseiro pra mim também, né? só o Pipo que pode?

D.ROSA- Também não sei porque que cresce tanto esses menino hoje! Olha o tamanho das perna desse aí. E os pé então, parece umas lancha. (olha os pés de Júnior)

JUNIOR- Que culpa eu tenho, vó?

D.ROSA- O, é ver duas pranchas de surfe. Dá pra fazer esqui aquático sem esqui.

JUNIOR- Quer que eu corte, quer?

D.ROSA- Comida demais, é isso. O dia inteiro lambiscando danone, queijinho, chocolate, aquelas casquinha de milho que não tem gosto de nada.

PIPO- Sucrilho. Tô com fome. Cadê a cestinha?

Dona Rosa se retorce no banco para pegar a cestinha de lanche no chão.

BIA- Não entendo, mama, a senhora não vive dizendo que a gente come mal lá em casa?

D.ROSA- (dando um pacote de bolachas para Pipo) Mas claro! Não come macarrão, nem arroz com feijão, só uns bifinho, frango, peixe, uma verdurinha, salada, tudo sem graça, sem molho, nada! Tem que comer comida que faz bosta!

Zé dá uma gargalhada.

Pipo devora bolachas, Júnior pega do colo da avó a cestinha de lanche.

D.ROSA- Pronto, lá vem caçoada!

ZE- Não é caçoada, não, dona Rosa. É que a senhora é tão moralista e de vez em quando fala umas coisas! (ri) Comida que faz bosta!

Dona Rosa arrebatada a cestinha de lanche das mãos de Júnior que não pegou nada.

JUNIOR- (murmura) Sssaco! (para Pipo) Dá uma aí. (Pipo dá)

D.ROSA- (guardando a cestinha no chão ao seu lado) Moralista, não senhor, seu Zé! Eu sou religiosa. Católica, apostólica, romana. E essas coisa não tem nada de imoral. Quem cresceu na colônia que nem eu, tirando leite da vaca, catando ovo do galinheiro, puxando água do poço, trabalhando de sol a sol, vai falar como? Mijo é mijo, bosta é bosta.

ZE- (rindo) Tá certo.

D.ROSA- Pois tá certo mesmo.

BIA- Foi o que o Zé disse, mama.

D.ROSA- E eu ouvi. Ele disse que tá certo e eu disse que tá certo.

BIA- E.

D.ROSA- Já sei. Quer que eu calo a boca.

JUNIOR- (baixo) Começou! Sssaco!

D.ROSA- (semi-explodindo) Saco o que, menino? E tudo saco, saco, saco, o dia inteiro com o saco na boca, nada tá bom, sempre reclamando de tudo, nunca que não quer ajudar a fazer nada, tem de chamar mais de mil vez até pra comer. Dois meses que eu ficava na tua casa, você ia ver comigo, te punha na linha, eu punha.

JUNIOR- (baixo) Deus me livre!

BIA- E isso mesmo, Júnior. Tua vó tem razão. Eu já falei que pelo menos as tuas coisas você tem de cuidar. Se eu não estou no teu pé o dia inteiro, nem tomar banho você toma, nem escova as dentes, fica com esse aparelho que parece uma marmita, cheia de resto de comida.

Pipo ri.

JUNIOR- (emburrando) Pôrra, que sssaco!

Bia se vira pra trás no seu banco, dona Rosa se inclina por cima de Pipo e as duas dão um tapa cada uma. Júnior protege o rosto com os braços dobrados.

BIA- Mais respeito com a tua vó!

D.ROSA- Testardo!

Só de raiva, Júnior arrebatou o saco de bolachas de Pipo.

PIPO- (de boca cheia, cuspidando farelos) Minha bolacha!

BIA- Devolve, Júnior!

PIPO- Pai, ele pegou minha bolacha!

JUNIOR- Sua bolacha! E de todo mundo, pirralho!

D.ROSA- Devolve as bolacha do teu irmão.

JUNIOR- Eu também quero, pô! Por que que ele pode e eu não?

D.ROSA- O Pipo tá na idade do crescimento. Devolve as bolacha dele.

JUNIOR- Crescimento pros lados, isso sim. Gordo-baleia-saco-de-areia!

PIPO- (esmurra Júnior, choramingando) Marmita! Marmita!

ZE- Eh, vamos parar, Pipo!

Bia afasta Pipo.

D.ROSA- Claro, ele tinha de proteger o primogênito.

BIA- Dá as bolachas, Júnior.

Júnior entrega o pacote à mãe. Bia tira algumas que dá a ele e entrega o finzinho do pacote para Pipo.

D.ROSA- (para Júnior) Igualzinho teu pai você vai ficar, viu?

ZE- E o que que isso quer dizer agora, dona Rosa?

BIA- Mama, façoavor!

D.ROSA- Qué? Não se pode falar mais nada? E o Júnior não é mesmo igualzinho teu marido? Não tem força de vontade. Duas vez já repetiu de ano. Trabalhar, não quer nem ouvir falar. Eu arranjei lá no mercadinho do seu Fiori pra ele fazer os pacote, ele foi? Não foi, nem deu satisfação, eu que fiquei com cara de tonta.

JUNIOR- Não dá pra eu trabalhar, vó.

D.ROSA- O trabalho faz o homem.

JUNIOR- Só se eu ficar sem dormir.

BIA- Júnior...

JUNIOR- Tenho aula o dia inteiro: inglês, datilografia. E se tivesse tempo queria aprender é computação.

D.ROSA- Pra jogar futebol de salão com os amigos, dá, não dá?

JUNIOR- Esporte, vó. Eu tenho de fazer exercício, pô! Quer que eu fique bundudo que nem o tio Júlio, sentado no escritório o dia inteiro?

Zé ri alto.

D.ROSA- Bundudo, mas muito bem de vida! Um grande advogado! E não tem medo de trabalhar que nem alguém que eu conheço!

BIA- Ah, não, mama, não vamos começar com essas conversa, hein!

D.ROSA- Só tô falando a verdade. Se não sou eu te dar uns conselhos e ficar de olho bem aberto, que que vocês tinha hoje? Nem a casa o Zé não queria comprar! Não pensa no futuro esse daí.

ZE- (na sua) Pagar prestação até os setenta e oito anos. Belo futuro!

D.ROSA- Bom, pelo menos tá pagando o que é seu, não?

BIA- Melhor que pagar aluguel é, Zé. Mamãe tá certa.

D.ROSA- E deixa alguma coisa pros filho também. Tem de pensar no futuro.

ZE- A senhora acha que os meninos vão querer essa casinha no cu-do-Judas quando eles crescerem?

D.ROSA- (tapando os ouvidos) Não me fala essas coisa que eu comunguei hoje cedo, já falei! Se eles não quiser, eles vende. Mas pelo menos já é alguma coisa.

ZE- O futuro deles, eles que têm de resolver, dona Rosa. (batendo na testa) Aqui dentro, ó. Futuro é fazer filho saber o que quer da vida.

D.ROSA- (lenta e perigosa, cotucando o ombro de Zé com o dedo) E você sabe o que quer da vida?

Tempo.

ZE- Eu... sabia.

A barra pesa. Até dona Rossana percebe e se cala.

Tempo.

Mas ela não consegue se conter.

D.ROSA- Sabia nada. Nunca soube. Se não fosse eu, vocês não tinha nem naonde passar as férias.

Zé freia o carro instantaneamente, sacudindo todo mundo.

Ele abre a porta, sai do carro, se afasta e fica andando de um lado para outro.

D.ROSA- Que foi? Ficou louco esse! Parar assim no meio da estrada!

BIA- Agora chega, mama! A senhora passou dos limites, viu!

D.ROSA- Que que eu fiz?

BIA- A senhora prometeu que não tocava nesse assunto.

D.ROSA- Ah! (cruza os braços, olha para fora da janela, desviando o rosto do olhar da filha) Um pouco de verdade não faz mal pra ninguém.

Bia abre a porta e sai do carro. Vai até Zé. Ele continua caminhando de um lado pra outro, tentando se acalmar.

BIA- Não fica assim, bem. Você sabe como a mamãe é.

ZE- Sei.

BIA- Fala da boca pra fora, coisa de velha.

ZE- (breve riso) Velha jararaca...

BIA- Além disso, foi você que convidou ela.

ZE- Eu que convidei, Bia? Eu que convidei? Você conhece o jogo dela! Se a gente não leva ela junto ela é capaz de... de alugar a casa da praia, mas não empresta.

BIA- Ah, você tá sendo injusto também.

ZE- (irônico) Você acha?

BIA- Ela fala com boa intenção, Zé. Quer o melhor pra nós.

ZE- Só que o melhor dela não é o melhor meu.

Tempo. Bia olha, enquanto Zé anda de um lado para o outro.

Júnior liga o rádio: um pot-pourri de canções dos Beatles.

Junior e Fipo saem do carro. Fipo se afasta um pouco e vai fazer xixi.

Júnior se apóia na capota e fica olhando o pai e a mãe.

BIA- E ela tem um pouco de razão também.

ZE- Eu sabia...

BIA- Se você não tivesse feito tanta loucura a gente podia estar bem melhor.

ZE- (passando o braço pelos ombros da mulher) Bia, a gente vive num país de analfabeto, miserável. Metade do povo passa fome, frio, não tem casa, não tem sapato, não tem saúde.

BIA- Ih, Zé! Vinte anos de casado e você vai começar a pensar nessas coisas outra vez!

ZE- Não dá pra não pensar, nêguinha. Tá no jornal, na televisão, tá no ar, entra pelos ouvidos, pela pele.

BIA- E o que que a gente pode fazer? Hã? Me diga?

ZE- A gente é privilegiado, Bia. Se veste direito, come bem. Tem televisão, vídeo-cassette, som. Filho na escola. Sabe ler, escrever pra poder trabalhar e pagar aluguel, pagar prestação pro BNH até o fim da vida. (tempo) A gente tem carro, Bia! (estende o braço na direção do carro).

Os dois olham para o carro. Pipo entra, Júnior olha um instante e entra também, deixando a porta aberta.

BIA- Um Fusca. Setenta e seis. Idade do Júnior.

ZE- E daí?

BIA- Isso aí que você falou é o mínimo, Zé. Sem isso não dá pra viver.

ZE- Eu também acho, Bia. Eu também acho. Mas o preço que isso custou!...

BIA- Que preço, Zé?

ZE- O sonho da gente! Tudo o que a gente sonhou quando era mocinho. Viver sem nada disso. Botar o pé na estrada e viver

com o coração. Com a cara e a coragem, aqui e agora, paz e amor.

BIA- Nós nunca vivemos assim, nós dois.

ZE- Vivemos, sim. Um pouquinho só, mas deu pra sentir o gostinho. Com dente de fora, pra morder, pra rir, pra chorar. (tempo) Você não lembra? Esqueceu tudo?

BIA- (tempo) A gente não é mais criança, Zé. Nós temos filho. Dois. Eles que tem que sonhar agora.

ZE- Com o que? Que que a gente tá ensinando pra eles?

BIA- Tá ensinando... a vida. O que a gente aprendeu.

ZE- Abaixar a cabeça, se conformar, viver igualzinho os pais da gente, tudo sem brilho, ofuscado: a "filosofia" da classe média!

BIA- E tem outra?

ZE- Tem que ter, Bia, tem que ter.

Tempo.

BIA- Vamos voltar pro carro e ir embora logo, vá? Tá muito calor e os meninos estão loucos pra ir pra praia. O ano inteiro esperando. A gente não pode negar isso pra eles.

ZE- (olha intensamente para Bia) Você ficou igualzinha sua mãe.

Bia tem um violento gesto de impaciência. Mas não tem tempo de falar.

ZE- A gente traiu a nossa geração, Beatriz.

BIA- Ah, Zé! Que absurdo a gente estar aqui discutindo essas coisas no meio da estrada!

ZE- (olha longamente a estrada em silêncio)

Nel mezzo del cammin di nostra vida
me vi no meio duma selva escura,

a estrada certa para mim perdida.

Ah, pra entender como era, é ainda cedo,
essa selva selvagem, rude e forte
que na minha alma só renova o medo.

Bia hesita. Não sabe se fala, se chega perto.

Zé começa a andar sem olhar para ela.

BIA- Zé!

Ele continua andando.

BIA- Zé!

Ele sai de cena. Bia deixa cair os braços, desalentada.

D.ROSA- (grita do carro) Nena! (tempo) Os menino estão com sede!

Bia retorna para o carro, olhando na direção por onde Zé saiu.

BIA- Tem mate gelado na térmica, mama.

D.ROSA- Ah, e eu vou saber naonde que você enfiou!

BIA- (sem entrar no carro, tira a garrafa térmica de dentro da
sacola de frutas debaixo de seu banco e entrega à mãe)

Tá aqui.

Dona Rosa serve chá em copos plásticos para os dois meninos.

Bia apóia as costas no carro, olha os próprios pés, pensando.

O som dos Beatles a toca, afinal.

BIA- (ríspida) Desliga esse rádio, Júnior.

JUNIOR- (desligando) Sssaco.

PIFO- Onde que o pai foi?

BIA- Ele já volta.

JUNIOR- Se eu fosse ele, não voltava.

D.ROSA- He! não duvido nada. (ela bebe, aos golinhos)

BIA- Não fala bobagem, Júnior. Ele foi na barraquinha de fruta.

JUNIOR- Vocês pegam muito no pé dele.

D.ROSA- Mas que desaforo esse menino me dizer uma coisa dessas! Você não diz nada, Nena?

BIA- Fica quieto, Júnior. E a senhora também, mama.

D.ROSA- (perplexa) Eu?

BIA- E, mama, qui-e-ta! (olha a estrada um tempo, respira aliviada)

Ele vem vindo.

Bia entra no carro e senta. Cruza os braços.

D.ROSA- (perplexa, batendo no ombro de Bia) Você me mandou eu calar a boca, foi? Eu ouvi direito? A minha filha mandou a mama ficar de boca fechada?

BIA- (dura) E.

D.ROSA- Tá bom. Tá muito bom. Filho é assim mesmo. Eu não falo mais nada. Nada, não falo. Até chegar lá. (tempo) E lá também não falo. Não adianta falar comigo que eu não vou responder. Tô muda, ó. (faz um sinal da cruz sobre os lábios, cruza os braços no peito, vira a cara para a janela)

Os meninos riem da infantilidade da avó. Bia espera ansiosa.

Ze entra com uma sacola de laranjas, vai até o carro, curva-se diante da porta aberta, levanta as laranjas na direção de dona Rosa.

ZE- Dona Rosa.

BIA- Ele já volta.

JUNIOR- Se eu fosse ele, não voltava.

D.ROSA- Hé! não duvido nada. (ela bebe, aos golinhos)

BIA- Não fala bobagem, Júnior. Ele foi na barraquinha de fruta.

JUNIOR- Vocês pegam muito no pé dele.

D.ROSA- Mas que desaforo esse menino me dizer uma coisa dessas! Você não diz nada, Mena?

BIA- Fica quieto, Júnior. E a senhora também, mama.

D.ROSA- (perplexa) Eu?

BIA- E, mama, qui-e-ta! (olha a estrada um tempo, respira aliviada)

Ele vem vindo.

Bia entra no carro e senta. Cruza os braços.

D.ROSA- (perplexa, batendo no ombro de Bia) Você me mandou eu calar a boca, foi? Eu ouvi direito? A minha filha mandou a mama ficar de boca fechada?

BIA- (dura) E.

D.ROSA- Tá bom. Tá muito bom. Filho é assim mesmo. Eu não falo mais nada. Nada, não falo. Até chegar lá. (tempo) E lá também não falo. Não adianta falar comigo que eu não vou responder. Tô muda, ó. (faz um sinal da cruz sobre os lábios, cruza os braços no peito, vira a cara para a janela)

Os meninos riem da infantilidade da avó. Bia espera ansiosa.

Ze entra com uma sacola de laranjas, vai até o carro, curva-se diante da porta aberta, levanta as laranjas na direção de dona Rosa.

ZE- Dona Rosa.

Dona Rosa continua imóvel e calada, de cara virada pra janela.

BIA- Pega, mama, o Zé trouxe pra senhora.

JUNIOR- Pega, vó.

Dona Rosa sacode os ombros, desdenhando.

PIPO- (cochichando para a avó) É laranja-de-umbigo. Aquela que a senhora gosta, vó.

Dona Rosa olha as laranjas, olha a cara de Zé. Ele sorri para ela. Todos esperando. Ela olha os meninos, olha Bia que, severa, lhe faz um sinal de cabeça. Torna a olhar Zé.

D.ROSA- Fra mim?

Ele estende a sacola de laranjas. Ela hesita e pega.

D.ROSA- Brigada.

Zé entra no carro e bate a porta. Liga o carro, engata a marcha, solta o freio de mão. Rodam de novo.

Pipo e Júnior caem na risada, tapando a boca com a mão.

BIA- (irritada) Que que foi?

D.ROSA- Que que estão rindo?

PIPO- A senhora falou! A senhora falou!

JUNIOR- Ela falou!

Ela distribui tabefes meio de brincadeira, meio sonoros e ri também.

Bia emburrada.

Dona Rosa se agita, procurando algo na cesta de lanches, nas caixas de trás do banco.

BIA- (mal-humorada) Que que é agora, mama?

D.ROSA- A faquinha.

BIA- Ah, não vai me descascar laranja dentro do carro. Fica um cheiro! E depois todo mundo com a mão melada.

ZE- (baixo) Deixa, Bia.

JUNIOR- Tô o meu canivete, vó. (tira do bolso o canivete)

BIA- (vira-se para trás e arrebatou o canivete de escoteiro)
Me dá isso aqui!

JUNIOR- Fô, mãe!

D.ROSA- (agitada, revirando tudo em busca da faca) Naonde que eu botei essa bendita dessa faquinha?

BIA- (tirando a faquinha da sacola) Tô, mama.

Dona Rosa se põe a descascar laranjas, frenética.

BIA- (brandindo o canivete de Júnior) O senhor quer me explicar o que que significa isto? Já te falei mais de mil vezes que não quero ver você saindo de casa com arma no bolso.

JUNIOR- Que arma, mãe?

BIA- (para Zé) Que que você tinha de dar arma pro menino?

JUNIOR- E. Nessas horas eu sou "menino"!

ZE- Você tá exagerando, Bia.

BIA- Eu não quero filho valentão.

D.ROSA- (descascando laranjas) O Ronaldinho da Lelete morreu assim.
Briga de rua.

ZE- Todo moleque gosta de canivete.

D.ROSA- No coração.

ZE- Eu sempre sonhei ter um canivete suíço desses quando era menino.

BIA- E porque sonhava pra você, dá pro teu filho. Igual o trem elétrico.

PIPO- Que trem elétrico?

ZE- Você não vai esquecer nunca, é?

BIA- Não. Vou lembrar disso até morrer. O carro precisando de conserto e você vai e gasta o dinheiro que a gente tinha economizado com o maior sacrifício num trenzinho elétrico! Tenha dó, né, Zé! Essa não dá pra esquecer.

PIPO- Que trenzinho?

BIA- E o Júnior nem ligava. Nunca brincou!

PIPO- (para Júnior) Trouxa! Eu que queria um trem pra mim.

JUNIOR- (dando um tranco em Pipo) Do canivete eu gosto, mãe.

ZE- Eu brincava!

BIA- Brincava nada! Você nunca teve tempo.

ZE- Meu maior sonho de criança.

D.ROSA- Se não fôsse eu vender de segunda mão, tava lá o teu maior sonho enferrujando dentro das caixa.

PIPO- Dá essa pra mim, vó.

D.ROSA- Tô. (dá a laranja descascada para Pipo, descasca outra)

JUNIOR- (tentando pegar o canivete da mão de Bia) Ô, mãe, tem...

BIA- (ela afasta o canivete) Não!

JUNIOR- Só quero te mostrar, essaco!

ZE- Dá pra ele, Bia.

Bia acede, emburrada.

JUNIOR- (abrindo os vários acessórios) Tem sacarrolha, abridor de lata, de garrafa, chave de fenda, tesourinha. Tesourinha, mãe! Até palito de dente, ô. Essa lâmina pequeninha aqui. E a

grande. Que não dá pra matar ninguém. Nem que enfie com toda força, não chega nem no osso.

D.ROSA- (gesticulando com a facinha) O Ronaldinho foi assim mesmo. Com um desse daí, igualzinho, o moleque enfiou nele, a pontinha virou assim, diz que foi um cortinho de nada, mas bem no coração.

JUNIOR- Eu não vou aprontar uma dessas, né, vó.

D.ROSA- Ah, não sei. Você é esquentado...

JUNIOR- Posso ficar, mãe?

D.ROSA- ...que nem teu pai.

JUNIOR- Eu tomo cuidado.

D.ROSA- (oferecendo uma laranja) Quer, Zé?

JUNIOR- Posso?

ZE- Depois.

BIA- (ríspida) Fique, fique.

JUNIOR- Oba!

D.ROSA- Nena?

BIA- (emburrada) Eu não quero laranja nenhuma.

D.ROSA- Vamos ver se o caniveteinho esse é bom mesmo. Descasque aí a sua, Júnior.

JUNIOR- Me dá.

PIPO- Por que que a senhora tá descascando assim?

D.ROSA- Ah, é que eu quero de gomo. Sabe como que faz? Aprende você também, Júnior: ó, corta assim, bem fundo, em volta da laranja inteira, depois outra vez assim em cruz, aí tira os quatro pedaço da casca com a mão, já sai a pele branca junto, tá vendo?

JUNIOR- Mas eu quero de tampinha.

D.ROSA- Claro, sempre do contra. Faça do jeito que quiser.

PIPO- Dá essa pra mim?

D.ROSA- Essa é da nona. (comendo feroz) Eu casco outra pra você. Quer de gomo?

PIPO- Quero.

D.ROSA- (corta a casca em cruz, com a boca cheia) Fronto, agora faz o resto você.

BIA- Esse cheiro!

D.ROSA- Come uma, Nena!

BIA- A senhora não abuse, hein, mama. Laranja te solta o intestino.

D.ROSA- Imagine!

BIA- E, sim. Que nem castanha no Natal.

D.ROSA- Eu nem não gosto tanto de castanha.

Zé ri, alto.

BIA- Ah, mama, todo Natal é a mesma coisa: tem de esconder as castanha da senhora. Ano passado, na casa do Júlio, ficou sentada num canto com a tigela no colo comendo uma atrás da outra. Todo ano é a mesma coisa.

ZE- Una bella caganeira!

D.ROSA- (ri, com a boca cheia, bate em Zé) Com essas laranja aqui não tem perigo. Não é que eu seja malagradecida, viu, Zé?, mas ô laranjinha aguada, sem gosto, credo!

BIA- (ainda emburrada) Me dá uma, vá.

Dona Rosa passa a ela duas laranjas e a faca. Bia descasca.

ZE- Descasca uma pra mim, bem.

D.ROSA- Laranja boa era da colônia quando eu era menina. (chupando sempre) Hoje é tudo grande. Cada caquizão, pêssego, laranja, tudo grande. Fruta pros olho, não pra boca: bonita e sem gosto. Culpa dos japoneses.

ZE- Olha o preconceito...

D.ROSA- E? Não fui eu que fiquei cantando música de japonês... (para Júnior) Me empresta o canivete, filho.

Júnior dá o canivete. Todos mascam suas laranjas, silenciosos.

D.ROSA- (descascando outra) Gente esquisita, tudo a mesma cara, a gente nunca sabe o que que estão pensando, Deus que me perdoe. Eu, raiva não tenho, tenho até dó, japonês, preto, tudo criatura de Deus. Só não quero é ter coisa com eles, só isso, tô no meu direito. Mas até ajudo, não vê a Luzinete, pretinha, pretinha, mas direita, honesta. Aquela tem alma branca, aquela tem. Oito ano trabalhando lá em casa, ajudei estudar e tudo. Formou de enfermeira, te contei, Nena?

BIA- (de boca cheia) Hnhã...

D.ROSA- Fois se formou ela. Eu fui na festa e tudo. Aquele monte de irmão, tudo negrinho, negrinho, a casa humilde, mas tudo muito limpinho.

BIA- (entre uma chupada e outra) Ela não ia casar?

D.ROSA- Deus que me perdoe, eu não deixei! Se você visse o negão que ela me arrumou. Era ver um assassino, só queria se aproveitar da pobre.

JUNIOR- Como é que a senhora sabe?

D.ROSA- Era só olhar pra cara dele. Cada vez que vinha lá em casa buscar a Luzinete, eu trancava tudo. E a tonta apaixonada. Nem não sei se não aconteceu o pior.

PIPO- Que pior?

D.ROSA- Nada que te interesse.

PIPO- Que pior que aconteceu? Ele roubou ela?

D.ROSA- Nada, menino, fica quieto.

PIPO- Que que é "pior"?

Júnior cochicha no ouvido de Fipo, os dois riem maliciosos.

PIPO- Ah! Isso não é pior.

JUNIOR- E o melhor!

Zé ri baixo.

Dona Rosa coleta os bagaços e cascas de laranjas num saco plástico.

D.ROSA- Pra que que vai casar, essa gente? Botar mais filho pobre no mundo? Eu dei conselho, falei, até ela entender que diploma era muito mais importante que casamento.

ZE- (ri, vira-se para trás) E mesmo, dona Rosa?

D.ROSA- Não me vira assim pra trás na estrada! Que perigo!

BIA- Cuidado, Zé.

D.ROSA- Olha pra frente!

Tempo.

ZE- Eu sempre olhei pra frente.

D.ROSA- Você?! Sempre foi sonhador, isso sim. Se pensasse no futuro tinha acabado a faculdade e não tinha acontecido o que aconteceu!

BIA- Mama!

JUNIOR- (antenas ligadas) O que?

D.ROSA- O que o quê?

JUNIOR- O que que aconteceu?

BIA- Nada.

PIPO- (brincando com o termo aprendido) O "pior".

JUNIOR- (sacando o clima, dando um tranco em Pipo) Cala a boca.

ZE- (ri, olha para Bia) Por que que eles não podem saber?

BIA- (dura) Zé!

ZE- Não é vergonha nenhuma.

D.ROSA- Deus que me perdoe! Como que não é vergonha?

BIA- A senhora, também, que que tem de ficar abrindo a boca?

D.ROSA- Eu?! Bom, não tá mais aqui quem falou. (tempo, acomodando o saco com restos de laranja) Sitem que era bom os menino saber o pai que tem.

BIA- Mama!!

JUNIOR- Ih, que mistério, sssaco!

D.ROSA- (semi-explodindo) Não tem mistério, nem saco coisa nenhuma! Vocês quer saber, conto eu, pronto: teu pai fez mal pra tua mãe.

BIA- Mama!!!!

D.ROSA- Eh.

Tempo de perplexidade geral.

PIPO- Mal que jeito? Você bateu na mãe, pai?

JUNIOR- Essa eu não entendi.

BIA- Tá vendo o que que a senhora foi aprontar?

Tempo.

BIA- Eu fiquei grávida. Foi isso que aconteceu.

Os meninos se entreolham, sem entender nada.

Acelerada pela própria emoção, Bia se incomoda com a breve pausa que lhe parece longa demais. Vira-se para trás, olha os meninos, valente.

BIA- Por isso que a gente casou. (tempo) Entenderam?

Tempo.

JUNIOR- E... não sei... é... quer dizer que vocês foram pra cama antes de casar, é isso?

Dona Rosa dá um sonoro bofetão no ombro de Júnior.

JUNIOR- Qual é, vó? Que que eu fiz?

D.ROSA- Respeita tua mãe, moleque!

PIPO- Só isso?

ZE- E isso, filho. (olha para Bia) Só que não foi por isso que a gente casou. A gente casou porque se amava.

Bia dá uma rápida olhada para Zé e quase chora, calada.

Tempo.

JUNIOR- Então era pra eu ser muito mais velho do que eu sou. Que que aconteceu, mãe? Você tirou?

D.ROSA- Pelamor de Deus, esse menino não tem respeito. Faz alguma coisa, Zé, que banana de pai que você é!

BIA- Você acha que eu ia fazer uma coisa dessas, Júnior? Chega de falar desse assunto.

D.ROSA- Pelamor de Deus, isso não é jeito de criar os filhos, viu?

BIA- Chega, mama.

D.ROSA- Onde já se viu um filho falar uma coisa dessas ca mãe? Cadê o respeito? Tua mãe era uma moça muito séria, viu? Se soubesse que ia perder a criança nem não precisava de ter casado com o teu pai.

BIA- Chega, mama.

D.ROSA- Fodia ter esperado coisa melhor. Mas não! Era Zé pra cá, Zé pra lá, babando cas poesia dele, cos livro que ele queria escrever.

JUNIOR- O pai escrevia poesia?

D.ROSA- Até letra de música escrevia. Não sabia o que queria, isso sim. Até cantor de rock queria ser.

PIPO- (gargalhando) O pai cantor de rock?!

BIA- Vamos parar com isso, mamãe.

D.ROSA- E eu tô mentindo, eu tô?

BIA- Todo mundo queria ser cantor de rock naquela época.

D.ROSA- Teu irmão Giulio nunca quis.

Zé dá uma risada alto.

Júnior ri também.

D.ROSA- Tão rindo de que? Nunca quis mesmo. O Giulio sempre teve a cabeça no lugar, sempre sabia muito bem o que queria da vida.

ZE- (baixo) Dinheiro, dinheiro, dinheiro...

D.ROSA- Não vê que ele ia fazer com a Tchelina o que teu pai fez com a tua mãe!

JUNIOR- Também... com aquela cara da tia Celina, nem depois de casado.

Zé dá uma gargalhada.

Bia esconde a risada involuntária.

BIA- (controlando o riso breve) Fica quieto, Júnior.

D.ROSA- E sabe educar os filho também. E tudo ali: na rédea curta.

JUNIOR- Aqueles pentelhos!

PIFO- Ehca!

D.ROSA- Você não gosta dos teus primo porque puxou o teu pai, é por isso. O Pipo gosta.

PIFO- Eu?

D.ROSA- Não gosta?

PIFO- (hesita, mente) E...

JUNIOR- E. Pra eles a senhora não vai arrumar emprêgo, né?

D.ROSA- Claro! Eles não precisa! E além disso vai tudo bem na escola, vão formar, ganhar diploma, ter uma profissão.

BIA- O Zé também tem profissão, mama.

D.ROSA- Não. O teu marido trabalha. Mas não formou, profissão não tem. Desde quando funcionário público é profissão?

BIA- Bom, eu nunca precisei trabalhar fora.

D.ROSA- A Tchelina só foi trabalhar fora porque queria construir a casa. E o que que é isso agora? Vai atacar o teu irmão?

BIA- Não tô atacando ninguém, não. Tô me defendendo, isso sim. A senhora fala de mim como se eu fosse um pacote. O Zé não me forçou a fazer nada, não. Eu fui porque eu quiz. Todas meninas da minha idade queriam.

D.ROSA- Foi a pilula! Niquê inventaram a bendita pilula ticoncessional começou a pouca vergonha!

ZE- (olhando para trás) Mas que bela conclusão histórica, dona Rosa!

D.ROSA- Você presta atenção na estrada e toma cuidado com os caminhão em vez de vim me caçoar, viu!

ZE- Não é caçoada, não. O que a senhora falou é muito inteligente: foi a pílula que provocou a revolução sexual.

D.ROSA- E pra que tanta admiração só porque eu disse uma coisa inteligente? Acha que sou burra, eu, por acaso?

Ela interrompe a frase na metade e fareja o ar, com asco.

PIPO- (tapando o nariz) Ehca! Quem foi?

JUNIOR- E sempre quem pergunta.

Zé ri e abre a janela. Dona Rosa abana o nariz. Bia abre a janela do seu lado.

PIPO- Eu não fui!

ZE- Pipo, que horror!

PIPO- (esmurrando Júnior) Não fui eu! Não fui eu!

JUNIOR- Então foi a vó!

BIA- (contendo o riso) Não falei que a laranja ia te fazer mal, mama?

D.ROSA- (rindo) Mas quem que disse que fui eu, vá!

JUNIOR- E? Então porque que a senhora tá rindo?

D.ROSA- (rindo) Ah... tô rindo porque... porque tô rindo, pronto.

PIPO- A vó peido-ou! A vó peido-ou! A vó peido-ou!

BIA- Quietto, Pipo. Quer que pare o carro, mamãe?

D.ROSA- Pra que?

BIA- Não sei, a senhora não tá precisando?

D.ROSA- (rindo) Mas eu já disse que não fui eu.

ZE- Olha o estado de graça, dona Rosa. Mentir é pecado, hein.

D.ROSA- (ainda risonha) Ah, vá!

ZE- Não quer que pare mesmo?

D.ROSA- Não, não quero. Quero é chegar logo. Tá muito calor. (sacode o decote do vestido, soprando pra dentro dos peitos)

Pipo se acomoda na avó para dormir. Ela acaricia os cabelos dele.

D.ROSA- Vai dormir, Pipino?

PIPO- Hmm... Mas não peida de novo, hein.

Todos riem. Dona Rosa dá um tapa carinhoso na cabeça de Pipo e encosta a cabeça no vidro da janela. Fecha os olhos.

Rodam um longo tempo em silêncio.

JUNIOR- Liga o rádio?

Zé liga o rádio: ouve-se o rabicho final de um anúncio qualquer e entra, sonoramente, "A Whiter Shade of Pale".

Bia se sobressalta, olha para Zé. Ele olha para ela.

Bia vai desligar o rádio. Zé afasta a mão dela e aumenta o volume.

A música domina. Bia olha Zé um longo tempo. Ele olha a estrada.

Emocionada, Bia vira o rosto para a janela.

Júnior se debruça no banco, muito atento à música, consciente do clima entre os pais.

Dona Rosa olha pela janela a paisagem que passa.

JUNIOR- Legal o som do tempo de vocês.

Zé ri.

BIA- (rindo entre as quase lágrimas) Arre, Júnior. Você fala assim, parece que a gente tá velho!

JUNIOR- Que é isso, mãe? Você tá legal. Pra tua idade.

Bia ri.

Zé estende a mão para fazer um carinho no rosto dela.

ZE- Era a nossa música.

Bia afasta a mão de Zé.

BIA- Não.

Tempo de música. Júnior atento ao clima.

JUNIOR- Como que era a época de vocês?

PIPO- (sonolento) Já tinha televisão?

Bia e uma dona Rosa sonolenta riem alto, Zé continua sério. Júnior percebe o silêncio do pai.

JUNIOR- Claro que tinha, bêsta!

PIPO- Que mais que tinha?

JUNIOR- Fica quieto, fedelho. Não tá vendo que o pai não quer falar?

PIPO- Eu quero saber, pô!

JUNIOR- (sacode o irmão pelo braço) Fica quieto.

D.ROSA- Os dois fica quieto! Deixa teu pai dirigir.

Bia desliga o rádio, Zé não reage.

Rodam um tempo em silêncio.

Dona Rosa e Pipo adormecem.

ZE- Tinha alegria.

Tempo

BIA- Alegria nada. Loucura.

ZE- E. Loucura, sim. Loucura de viver! De pegar o mundo na mão, de acreditar que dava pra fazer alguma coisa. Você ainda vai sentir isso, filho.

BIA- Será?

ZE- Você acha que não?

BIA- A geração deles, graças a Deus, é mais assentada que a nossa.

ZE- E você acha isso bom, Bia?

BIA- E não é? Eles nem pensam em fazer revolução, "morrer pela causa", essas besteiras da nossa época. Eles querem é viver a vida deles. Tá muito certo.

Tempo.

JUNIOR- A minha professora de História, ela falou que essa época era o pior terror, todo mundo vivia morrendo de medo. Era mesmo?

BIA- Pra gente até que não.

ZE- Todo mundo era suspeito.

BIA- Não exagera, vá, Zé.

ZE- Não tô exagerando. Quanta gente que a gente conhecia foi presa, torturada...

BIA- Eles sabiam no que estavam se metendo. Quem mandou abrir a boca?

ZE- Como é que você pode dizer uma coisa dessas, Bia? Era regime de terror mesmo. Até dentro de casa a gente tinha medo, não lembra?

BIA- O que eu lembro é que a gente vivia melhor. Não tinha tanta inflação, não tinha tanta corrupção...

ZE- Mas tinha censura, tinha Lei de Segurança Nacional! Não vai mentir pro menino, né, Bia? Todo mundo tinha medo, filho.

JUNIOR-- E a polícia matava?

ZE-- Não era polícia. Era militar.

JUNIOR-- Por isso que você parou de ir nas passeatas?

Tempo. Zé olha para Bia e torna a olhar para a estrada.

ZE-- Eu não parei.

BIA-- (riso de mofa) Ah, vai se bacanear pro menino agora? Fazer pose de herói?

ZE-- Vou te contar uma coisa que você não sabe até hoje.

BIA-- (temerosa) O que?

ZE-- Eu ia mesmo.

BIA-- (incrédula) Ia nada.

ZE-- Era da segurança, do pessoal de apoio.

BIA-- Mentira.

JUNIOR-- Que jeito?

ZE-- A gente ficava nos pontos onde a passeata ia passar, com o equipamento.

BIA-- (descrente) Que equipamento?

ZE-- Bolinha de gude, ou rôlha e um monte de lenço molhado dentro do saco plástico.

Júnior ri.

JUNIOR-- Bolinha?

ZE-- As bolinhas e as rôlhas era pra jogar no chão quando vinha a cavalaria. Os cavalos patinavam, patinavam e pimba! caía tudo no chão.

BIA-- (rindo sem querer) Mentira.

ZE- Ai, se os soldados corriam atrás da gente, tinha de derrubar o quepe deles.

JUNIOR- Fra que?

ZE- (largando a direção, animado) Eles ficavam tudo perdido, não sabia se corria atrás da gente, se voltava pra pegar o quepe. E a gente se mandava.

Bia e Júnior riem.

BIA- (alarmada, olhando a estrada, pegando a direção) Cuidado, Zé!

JUNIOR- E os lenços molhados?

ZE- Era pra botar na boca e no nariz, quando jogavam bomba de gás.

JUNIOR- Era ruim, gás lacrimogênio?

ZE- Nunca peguei, não sei.

BIA- Tá vendo, como é mentira.

ZE- Mas era ruim, sim, o olho inchava assim, dava ânsia de vômito... A única coisa que eu levei foi uma espadada nas costas.

JUNIOR- Espadada?

BIA- (surpresa) Aquela marca...

ZE- Os soldados vinham a cavalo com a espada na mão e mandavam o pau em cima de quem estivesse na rua.

JUNIOR- E matava?

ZE- Batiam com o lado chato, assim. Matar, não matava que era espada sem corte, mas uma puta dor!

BIA- Você inventou aquela história que tinha caído na escadinha da faculdade?

ZE- Inventei.

Bia fica olhando para ele, perplexa.

Zé olha para ela e ri.

ZE- Que que foi?

BIA- A mama tem razão de dizer que você é irresponsável.

ZE- (rindo) Ah, Bia, que que é isso? Faz tanto tempo. A gente nem era casado ainda. Não tinha filho.

BIA- Não interessa! Você podia ter morrido numa dessas. A toa. E eu feito besta, sem saber de nada.

ZE- Se eu te contasse você ia morrer de medo, não ia querer que eu fosse.

BIA- E pra que que você ia? Você não acreditava em política! Nunca teve saco praquelas assembléias da faculdade...

ZE- Todo mundo ia. Era legal!

BIA- I-legal, isso sim. Dava cadeia.

ZE- A gente era... jovem.

Rodam um tempo em silêncio.

JUNIOR- (hesitante) E droga? Foi nessa época que começou também, não foi?

Zé e Bia se entreolham. Bia olha D. Rosa dormindo e vira o rosto para a janela, cruzando os braços. Zé olha em frente.

JUNIOR- (baixinho) A vó tá dormindo. Conta, pai.

Longo tempo.

ZE- Foi.

JUNIOR- (baixinho) Você fumou maconha, pai?

Bia olha para Zé, agoniada. Zé continua olhando a estrada.

Longo tempo.

JUNIOR- (baixinho) Fumou?

ZE- (baixo) Fumei.

D.ROSA- (despertando com plena energia) Eu sabia!!!

BIA- Ai, meu Deus!...

Pipo desperta, resmunga e se encosta em Júnior.

D.ROSA- Eu tinha certeza que só podia ser isso! Levou mais de vinte ano, mas eu descobri!

ZE- Descobriu o que, dona Rosa?

BIA- Zé, façoavor!

D.ROSA- Porque que você fez tudo fez.

ZE- E o que que eu fiz?

D.ROSA- (breve tempo) Nada. Você não fez nada! Tá certo. Deixou a vida passar assim, ó, em brancas nuvens. E acabou que jeito? Cas mão vazia, sem nada.

BIA- Mama, quer fazer o favor de parar com isso? Parece que a gente tá a vida inteira falando sempre da mesma coisa.

D.ROSA- Nena, teu marido foi maconheiro-comunista, ainda me conta isso pros filho na minha frente e você quer que eu não falo nada?

BIA- Que maconheiro-comunista, mamãe? Na nossa época não era que nem hoje. O Zé experimentou uma vez ou outra, que nem todo mundo.

D.ROSA- Todo mundo, não! Todo mundo, não!

JUNIOR- (de saco cheio) Tio Júlio...

D.ROSA- Você cala a boca!

BIA- Pois se a senhora quer saber o Júlio também experimentou maconha e também foi em passeata.

D.ROSA- (dá um tapa no ombro de Bia) Como que você diz uma coisa dessa do seu irmão? O Giulio nunca fez isso!

ZE- Ah, mas fez mesmo.

D.ROSA- (perplexa) Verdade, Nena?

BIA- E.

D.ROSA- (tempo) Mas ele pelo menos não ficou viciado.

BIA- Nem a gente.

D.ROSA- (estarecida) O que? Você também, Nena??

BIA- Não, mama. Quer dizer... eu tentei, mas... vomitei tudo, não senti nada.

D.ROSA- (cotucando o ombro de Zé) Você que deu pra ela, não foi?

ZE- Não.

BIA- Foi o Júlio, mama.

Tempo. Dona Rosa sacode o decote, sufocada de calor.

Pipo desperta.

PIPO- Eu quero fazer xixi.

D.ROSA- Mas em passeata teu irmão não foi. Isso eu tenho certeza. Ele tinha ódio dos comunista.

ZE- Que comunista, dona Rosa?

D.ROSA- E não era, seu Zé? Vai me dizer que não era?

ZE- Não era.

D.ROSA- Aquele maluco do Jânio Quadros dando medalha praquêle barbudo fedido lá de Cuba...

ZE- Che Guevara.

JUNIOR- Esse que tem um poster no teu quarto, pai?

D.ROSA- ...e aquele trouxa do Jango Goulart querendo fazer lei do sapato barato, fazer revolução no Brasil que nem aqueles

barbudo sujo fizeram em Cuba com paredón e tudo. Virou tudo uma grande confusão, isso sim. Tudo comunista, sim senhor! Lá em cima, no governo e aqui embaixo, nas rua. Naquela hora o que tava precisando era um governo forte. Eu, quando vieram os militar, dei graças a Deus.

ZE- Graças a Deus e ouro para o bem do Brasil.

D.ROSA- Dei mesmo. As aliança minha e do falecido. E só não dei a corrente e a medalha de Santa Genoveva porque era presente da minha avó que me trouxe da Itália pra mim.

ZE- E sabe onde foi parar esse ouro todo?

PIPO- Eu quero fazer xixi.

D.ROSA- (ignorando) E fui na Marcha com Deus pela Família e a Propriedade com muita honra, junto cas minhas amiga tudo!

JUNIOR- A senhora foi em passeata, vó?

D.ROSA- Que passeata coisa nenhuma.

ZE- Passeata. Claro que era passeata. Um bando de gente, carregando faixa, marchando na rua é passeata, dona Rosa.

D.ROSA- Marcha. Era Marcha. Passeata foi depois, quando vocês foram pra rua tocar fogo nos carro, quebrar vitrine dos banco, os maconheiro-comunista!

PIPO- Eu quero xixi!!

BIA- Vamos parar?

ZE- Mas eu não tô falando nada!

D.ROSA- Acho bom mesmo!

BIA- Não! Vamos parar o carro, pra gente descer um pouco, fazer xixi. E parar com essa conversa também, hein, Zé? Hein, mama?

D.ROSA- (sacudindo o decote e soprando os peitos) Por mim...

BIA- Não chega em lugar nenhum, Zé. Você e a mamãe sempre pensaram diferente.

ZE- E você concorda com ela.

BIA- Eu concordo é comigo. Pra que ficar falando dessas coisas? Isso tudo ficou pra trás. A gente agora tá vivendo tão sossegado...

Breve tempo.

ZE- Você acha mesmo isso?

BIA- Acho.

PIPO- Eu quero xixi.

JUNIOR- Não torra, pentelho.

BIA- A gente já tá chegando no posto, Pipo.

ZE- Você acha que a gente está "vivendo sossegado"?

BIA- Acho, Zé. Acho.

ZE- Quer dizer que é só fechar os olhos e fingir que não tá acontecendo nada?

BIA- É o que que a gente pode fazer, Zé? Eu quero saber é de mim, dos meus filhos, da minha família. O resto que se dane!

Rodam um tempo em silêncio.

D.ROSA- (baixo, para si mesma) Eu não acredito que o Giulio... Não acredito. (começa a chorar, faz o sinal da cruz) Ah, Deus meu, que que a gente fez pra ter uns filho desse? Até o Giulino, tão ajuizado, me aprontou uma coisa dessa? Mas vocês tem filho, vocês vão ver o que é bom. Eles vão ensinar pra vocês. Graças a Deus que acabou esse... apocalipse, viu? Que tempo triste que foi aquele, tanta bagunça! tanta confusão! os

filhos da gente tudo perdido, quem não era comunista era
maconheiro, hippie!

BIA- Ai, mama, chega, vá!

D.ROSA- Chega por que? Vai defender esse teu marido agora?

ZE- Defender não, que eu nunca fui nada disso.

Breve tempo.

D.ROSA- Você nunca foi nada. E continua nada. Nada, isso que você é.

BIA- Mama, não abusa!

D.ROSA- Isso que você tem: nada. Um empreguinho mixuruca, uma casinha
no cu-do-Judas...

Júnior ri, dona Rosa se inflama.

D.ROSA- ...e nas hora vaga fica escrevendo aqueles verso porcaria que
ninguém nunca não vai ler! Quem que vai querer ler as poesia
do seu Zé, hã? Seu Zé Ninguém! Olha, preferia que fosse
comunista mesmo, viu? Maconheiro! Pelo menos era alguma coisa,
tinha uma cara pra gente cuspir, pra gente bater.

PIPO- Xixiiiiiii!

Zé freia o carro subitamente, sacudindo todos que estão dentro. Ele se
curva por cima de Bia e abre a porta do lado dela.

ZE- Vai, Pipo.

Pipo sai correndo do carro, apertando o sexo com a mão e sai de cena.

ZE- Vai também, filho.

JUNIOR- Na estrada?

ZE- E. Na estrada, Júnior. Vai logo.

Júnior sai do carro e se arrasta para fora de cena, na mesma direção de Pipo.

Zé está muito sério, contendo uma gigantesca tensão, olhando fixo em frente, agarrado à direção.

Bia observa o marido, assustada, pressentindo algo.

Dona Rosa assoa o nariz no lenço, imersa em si mesma.

Longo tempo.

D.ROSA- Era melhor parar no posto de gasolina.

Subitamente, sem dizer uma palavra, Zé se curva por cima de Bia e bate a porta do carro. Agarra a direção e acelera, fazendo cantar os pneus.

Bia agarra a alça à sua frente, dona Rosa agarra o encosto do banco.

BIA- (apavorada) Que que você tá fazendo?

D.ROSA- Tá maluco? Os menino!

Correm pela estrada um breve tempo. O ruído do motor aumentando.

BIA- Tá correndo muito, Zé!

D.ROSA- Jesus, Maria, José!!

BIA- Para esse carro!

Repentinamente, Zé faz um giro completo com a direção.

As luzes se apagam subitamente e no escuro ouve-se o guinchar dos pneus patinando sobre o asfalto, o ruído surdo do carro tombando na estrada e rolando, em pancadas sucessivas pelo precipício abaixo até a explosão final.

Tempo de silêncio.

Uma penumbra vermelha vai se acendendo aos poucos no interior do carro vazio. Todo o palco, tomado por densa fumaça, reflete o fulgor avermelhado que continua aumentando.

Banhados por outra luz, num lado do espaço, Júnior e Pipo, imóveis, de mãos dadas, olham para o futuro.

FIM

30 outubro 1990

Laus Deo